

ATIVIDADE MUSICAL NO CAPS II DE PORTO SEGURO- BA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Vespasiana Magalhães Dias¹

Ellen Pietra Cordeiro de Oliveira²

Raquel Siqueira-Silva³

Cristiano da Silveira Longo⁴

RESUMO: A formação do grupo de atividade musical no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) por meio do projeto “*Incentivo ao empoderamento de coletivos através de práticas artísticas: uma proposta de intervenção a partir do PET-Saúde GraduaSUS no município de Porto Seguro*” integrou a relação entre os programas de saúde oferecidos pela Secretaria Municipal de Saúde e a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), no intuito de contribuir para o fortalecimento dos coletivos através de uma proposta interdisciplinar que fomentou o diálogo entre a arte e a saúde. Ademais, realizado no CAPS II entre o período de março de 2018 a março de 2019, este estudo sintetiza as conexões sociais que se traduziram através das práticas artísticas, como a música e dança. A utilização da Teoria Ator - Rede, de Bruno Latour, proporcionou a dinamicidade da ação, visto que, por meio dos relatos, havia a descrição das observações dos encontros semanais. Sendo assim, este artigo tem por objetivo relatar as vivências e transformações que este projeto proporcionou aos envolvidos, sendo estes não somente os pacientes, mas também a própria equipe, e, dessa maneira, mostrar o poder que a música possui de proporcionar movimentos positivos na realidade dos indivíduos. Evidencia-se, então, por meio deste trabalho, os benefícios que as atividades musicais, quando orientadas por profissional musicoterapeuta, podem proporcionar, como uma maior adesão dos usuários ao tratamento e momentos prazerosos.

58

PALAVRAS-CHAVE: CAPS II. Saúde. Interdisciplinaridade. Atividade Musical.

1 Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: alinemagalhaes94@hotmail.com.

2 Graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: ellenpietra@gmail.com.

3 Profa. Dra. Adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências.

4 Prof. Dr. Associado da Universidade Federal do Sul da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências.

**MUSICAL ACTIVITY IN THE CAPS II OF PORTO
SEGURO-BA: A EXPERIENCE REPORT**

**Aline Vespasiana Magalhães Dias
Ellen Pietra Cordeiro de Oliveira
Raquel Siqueira-Silva
Cristiano da Silveira Longo**

ABSTRACT:The formation of the group of musical activity in the Center of Attention Psychosocial (CAPS II) through the project “Encouraging the empowerment of through artistic practices: a proposal of intervention from the PET-Saúde GraduaSUS in the city of Porto Seguro” integrated the relationship between the health programs offered by the Municipal Health Department and the Federal University of Southern Bahia (UFSB), in order to contribute to the strengthening of the collective through an interdisciplinary proposal that fostered the dialogue between art and health. In addition, conducted in CAPS II between March 2018 and March 2019, this study synthesizes the social connections that have been translated through artistic practices, such as music and dance. The use of Actor - Network, Bruno Latour’s theory, provided the dynamicity of the action, since, through the reports, there was a description of the observations of the weekly meetings. Thus, this article aims to report the experiences and transformations that this project provided to the participants, not only the patients, but also the team itself, and, in this way, show the power of music to provide positive movements in the reality of individuals. Through this work it was evident the benefits that musical activities, when performed by a music therapist, can provide adherence to treatment and enjoyable moments.

59

KEYWORDS: CAPS II. Health. Interdisciplinarity. Musical Activity.

INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é o relato das experiências vivenciadas por meio do projeto extensão “*Incentivo ao empoderamento de coletivos através de práticas artísticas: uma proposta de intervenção a partir do PET-Saúde GradaSUS no município de Porto Seguro*”⁵, realizado no período de março de 2018 a março de 2019.

Este projeto foi desenvolvido no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) da cidade de Porto Seguro, Bahia, a partir de uma metodologia de pesquisa-ação em que as fundamentações teóricas e os recursos musicoterápicos foram utilizados nas atividades musicais do grupo. Utilizou-se de técnicas musicoterápicas, porém não havia participação das discussões de caso em equipe interdisciplinar, nem se escrevia nos prontuários dos pacientes. As interlocuções com a equipe profissional eram pontuais. Configurou-se, portanto, como um espaço em que os usuários participavam, cantavam, dançavam, conversavam sobre saúde, uma convivência cujo coletivo foi incentivado em suas interações e questões relativas à Luta Antimanicomial.

A junção interdisciplinar entre a arte e a saúde pode promover modificações visíveis, tanto na esfera social quanto na esfera micropolítica. Foi partindo desse pressuposto que a elaboradora, coordenadora e orientadora do projeto, que é musicoterapeuta, identificou a necessidade de uma maior aproximação entre a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e o CAPS II de Porto Seguro, proporcionando, assim, uma das interações dessas instituições através de atividades musicais. A partir disso, o trabalho utilizou os dispositivos musicoterápicos para validar os embasamentos teóricos dentro do próprio projeto, fazendo com que os fundamentos da musicoterapia servissem como ferramenta de apoio ao incentivo ao empoderamento coletivo dos usuários da saúde mental.

A musicoterapia pode ser desenvolvida através da utilização da música e instrumentos musicais, no qual, o musicoterapeuta e o cliente irão desenvolver uma dinâmica estruturada que irá facilitar e promover elementos como a comunicação, relacionamento, aprendizagem, acima de tudo a expressão seja física, mental, emocional, social e cognitiva. Dessa forma, o paciente irá alcançar melhor integração social, desenvolver suas habilidades, recuperar funções e a melhora na qualidade de vida (BARCELLOS *et al.*, 2018, p.1055).

⁵ Este projeto foi criado e coordenado pela musicoterapeuta Profa. Dra. Raquel Siqueira.

A Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia traz no conceito da musicoterapia a importância da prática ser feita por uma pessoa qualificada para que os benefícios de prevenção, reabilitação ou tratamento sejam devidamente os melhores possíveis para o indivíduo ou grupo pelo qual será ministrada as técnicas que variam entre audição, recriação, improvisação e composição, dependendo das necessidades, objetivos de terapia, linha e abordagem (ANJOS *et al.*, 2017, p. 229). Neste sentido, vale ressaltar que a estratégia de pesquisa do projeto era identificar as relações e conexões criadas por meio das atividades musicais do grupo para incentivar o fortalecimento coletivo e as relações interpessoais entre os usuários.

Por meio da implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, a área da saúde mental se fortaleceu ainda mais, visto que muitas dessas práticas foram desenvolvidas nos Projetos Terapêuticos Singulares para esta população. A musicoterapia, dentro desse contexto, torna-se um eficaz dispositivo de cuidado e apoio aos tratamentos das pessoas com transtornos psíquicos. Ela permite que os usuários possam relembrar memórias por meio da arte - a música, dança, entre outros - e, sendo assim, pode ser considerada uma tecnologia leve. Ademais, “vem ocupando lugar dentro da área da saúde, enquanto um processo interpessoal, que utiliza a música e todas as suas facetas para ajudar o cliente/paciente a melhorar, recuperar ou manter a saúde (BRUSCIA, 2000 *apud* PANACIONI, 2012).

Dessa forma, sendo a musicoterapia uma prática complementar em saúde, ela funciona como um excelente dispositivo para a promoção da comunicação dos usuários com os profissionais e familiares, e, como consequência, como afirmam Oliveira *et al.* (2014), também auxilia à adesão aos tratamentos. Portanto, partindo dos estudos do sociólogo e antropólogo Bruno Latour (2008) e entendendo as interações sociais, humanas e não humanas, como fios que se desenrolam de uma rede maior, o projeto leva a musicoterapia para os espaços de saúde como uma alternativa eficaz para que haja fortalecimento e incentivo do coletivo e o consequente empoderamento dos grupos.

Como uma fusão entre música e terapia, a musicoterapia é ao mesmo tempo uma arte, uma ciência e um processo interpessoal. Como uma arte ela diz respeito à subjetividade, individualidade, criatividade e beleza. Como uma ciência, ela se

relaciona com objetividade universalidade, reprodução e verdade. Como processo interpessoal, ela se relaciona com empatia, intimidade, comunicação, influência recíproca e papéis na relação (BRUSCIA, 2000, p.12).

A abordagem metodológica que embasa a linha de pesquisa do projeto é a Teoria Ator-Rede (TAR), na qual o objetivo é perceber e seguir os elementos que surgem através de todas as conexões presentes na rede delimitada, a qual se efetua a pesquisa. Segundo Ferreira *et al* (2010), a TAR representa um referencial teórico-metodológico de conhecimento que elimina o pensamento dualístico das entidades ontológicas como: indivíduo-sociedade, natureza-cultura e sujeito-objeto, permitindo, dessa maneira, uma visão mais ampla por conta da re-conceitualização sistemática de práticas de pesquisa.

A abordagem metodológica da tese na qual se baseia este livro é inspirada na Teoria Ator-Rede (TAR). Ela implica acompanhar os processos através dos quais se fazem e desfazem conexões entre entidades que incluem atores humanos e entidades não humanas. É através dessas conexões que a ação se torna possível, e que são definidos tanto a direção como os resultados dessa ação, em particular a estabilização (ou não) das conexões. Seguir os actantes em ação aparece, assim, como um dos principais objetivos metodológicos da TAR (SIQUEIRA-SILVA, 2015, p. 31- 32).

Os pacientes dos serviços de saúde mental estão cercados por estigmas que os inferiorizam e restringem as suas ações dentro da sociedade. Diante disso, este projeto de intervenção partiu da hipótese de que a musicoterapia é um método eficiente no tratamento dos usuários de saúde mental, visto que ela proporciona inclusão e melhorias na relação entre profissionais e usuários, tendo em vista a possibilidade de diminuição dos fatores de segregação que norteiam os padrões impostos pela sociedade.

Os grupos sociais humanos definem padrões normais ou estigmatizados. Desta forma, uma pessoa que atende aos padrões que são previamente estabelecidos é considerada normal. A transgressão desses padrões caracteriza o estigmatizado, que, por sua vez, expressa desvantagem e descrédito diante de oportunidades concernentes aos padrões de qualidade (DECAVATÁ, 2012).

Sendo assim, aplicando a abordagem Ator-Rede, a pesquisa consistia no acompanhamento das relações entre os usuários da saúde mental, familiares e profissionais do CAPS II, além do rastreamento das conexões estabelecidas também entre os humanos e não humanos (como a música, dança, um instrumento musical), dentro da perspectiva da aplicação dos conceitos musicoterápicos.

Em suma, este artigo tem a intenção de evidenciar os benefícios resultantes da interdisciplinaridade entre a arte e a saúde, sobretudo no CAPS II, por meio dos relatos registrados durante os encontros e através das experiências vivenciadas durante o período de março de 2018 a março de 2019.

METODOLOGIA

O público alvo da pesquisa eram os usuários do sistema de saúde mental juntamente com os profissionais do CAPS II da cidade de Porto Seguro-BA e familiares. Nesse sentido, para a realização do projeto foram separados dois momentos: o primeiro com a reunião musical no próprio espaço do CAPS II, envolvendo os pacientes, familiares, equipe do projeto e profissionais; e o segundo momento com a orientação, na qual somente a equipe participava. O dispositivo grupal foi previsto para acontecer em etapas:

A reunião musical acontecia no período da manhã, uma vez por semana. A primeira etapa era o momento do relaxamento, pois com a formação de uma grande roda e com todos em pé, realizávamos alguns exercícios para o relaxamento do corpo por meio das técnicas do Chi Kung, inspiradas na medicina tradicional chinesa. A finalidade desse processo era de agregar e deixar os usuários mais ambientados no espaço e no coletivo.

Na segunda etapa eram realizadas as vocalizes. Esse espaço era destinado para o treinamento vocal, já que é algo muito importante no processo de musicalização/afinação e também para a preparação do canto. Para o acompanhamento das vozes e dinâmica das escalas era utilizado um teclado ou violão.

A terceira etapa era direcionada para a expressão musical. As pessoas reunidas ficavam livres para cantar qualquer tipo de música. Os instrumentos como tantã, surdo, tamborim, violão e meia lua eram colocados no centro da roda para que aqueles que sentissem vontade de tocar pudessem ficar à vontade para pegá-los. Os participantes tinham total liberdade para cantar, pedir alguma música, dançar, expressar-se através de poema ou apenas ficar assistindo. O grupo musical não tinha a pretensão de se enquadrar em padrões musicais, portanto, era muito comum que as pessoas cantassem fora do tom ou do ritmo e até que pegassem os instrumentos sem saber tocar.

Na quarta e última etapa, acontecia a roda de conversa. Era um momento de diálogo, na qual as pessoas tinham a oportunidade de falar sobre o que acharam da atividade musical realizada no dia e sobre coisas relacionadas à saúde. Não era algo imposto, todos tinham a liberdade de dar ou não o seu depoimento.

As formações de grupo deixam muito mais rastros em seu trajeto do que as conexões já estabelecidas que, pela definição, poderiam permanecer silenciosas e invisíveis. Se determinado conjunto simplesmente permanece lá, então é invisível e nada pode ser dito sobre isso. O todo não gera nenhum rastro e, portanto, não produz informações; se for visível, então ele está se formando e, portanto, irá gerar dados novos e interessantes (LATOURE, 2008, p. 52).

A proposta metodológica da Teoria Ator-Rede é mapear as dinâmicas estabelecidas em uma rede, seguindo os atores (humanos e não humanos) que fazem parte das conexões que estão sendo criadas no grupo. Sendo assim, durante todas as etapas acontecia a descrição. Um dos estudantes⁶ anotava os relatos de tudo que acontecia durante o encontro, inclusive as falas. Depois, esse relatório era lançado no docs do projeto. Essa foi uma maneira de compartilhar os acontecimentos para a equipe envolvida na pesquisa ao mesmo tempo e, assim, depois - durante o período de orientação - havia a análise dos acontecimentos.

Embora se fale de uma Teoria Ator-rede, a ANT também se define como um método para acompanhar e descrever o movimento dos actantes e os efeitos que decorrem dos vínculos entre eles. O pesquisador que optar por realizar uma pesquisa ao modo ANT deve entender o social como o resultado das associações constantes e imprevisíveis entre os atores. Assim, o pesquisador “não deve definir de antemão quais são os atores, nem ordenar a priori as controvérsias travadas entre eles, decidir como resolvê-las ou buscar explicações. O pesquisador deve-se comparar a um “detetive que rastreia as ruelas enigmáticas do seu caso investigativo, nós devemos seguir as pistas que aparecem a cada momento (CAVALCANTE, 2017, p. 04).

A dinâmica da orientação ocorria uma vez por semana com a equipe do projeto formada pela orientadora juntamente com os bolsistas e voluntários. Eram oferecidos subsídios teóricos para o aprofundamento das técnicas utilizadas nos encontros do CAPS II. Teóricos como Bruno Latour, Espinosa, Paulo Amarante, Kenneth Bruscia, Rejane Barcellos, Rolando Benenzon, Marly Chagas etc., embasaram toda a estrutura e desenvolvimento do projeto. Além disso, havia a revisão do encontro da semana feito por meio da descrição

⁶ A equipe do projeto era composta pela coordenadora e estudantes bolsistas de Apoio à Permanência e Iniciação Científica: Aline Vespasiana, Kiane Damasceno e Roberta Borges.

no momento da atividade musical. A finalidade desse método de descrição e estudo dos relatos descritos era de entender mais sobre o funcionamento do grupo e, dessa forma, melhorar a atenção e a qualidade da participação em coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto desenvolvido no CAPS II era uma pesquisa que se valia dos recursos musicoterápicos a fim de se estudar os benefícios que a arte proporciona na saúde dos indivíduos.

Nessa perspectiva, a função da equipe do projeto consistia em “seguir e descrever os indícios e as fluidas conexões que constroem o processo de produção da existência, a partir dos rastros deixados pelos mediadores, avançando lentamente de tradução em tradução” (CAVALCANTE, 2017, p. 6).

INSTRUMENTOS COMO VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde (2019), os Centros de Atenção Psicossocial são unidades que realizam atendimento às pessoas com sofrimento ou transtorno mental, prestando serviços de saúde de caráter aberto e comunitário. O CAPS II é específico para pessoas com transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas.

O início do projeto no CAPS II foi muito tranquilo. Havia um grupo pré-estabelecido formado pelos próprios usuários que se reuniam uma vez por semana e ensaiavam algumas músicas, como um coral. A equipe, então, se somou a esse espaço, a partir da permissão dos participantes.

O envolvimento das pessoas e a adesão à atividade musical aconteceu de forma gradual. Alguns dos usuários tinham dificuldades no relacionamento interpessoal e por conta disso não se comunicavam. Diante desse fato, com o desenvolvimento do projeto, notou-se que a música serviu como canal facilitador da comunicação e também da expressão, visto que muitos usuários não dialogavam entre si e nem com a equipe. Porém, na hora da parte musical, eles ficavam mais descontraídos e se comunicavam de alguma forma- por gesto

ou cantarolando um trecho - para pedir a música que queriam cantar. “A musicoterapia como experiência musical lança-se como forma de interação entre pessoas, processos, produtos e contextos” (BARCELLOS, 2018, p. 1058).

Além disso, os instrumentos musicais, muitas vezes, serviram como veículo da interação do grupo. Usuários que não se comunicavam muito bem por conta da dificuldade na fala, encontravam nos instrumentos o mecanismo para externar o desejo de realizarem a atividade musical. A teoria, como notas, compasso e ritmo certo, de nada importava, já que todos tinham a total liberdade de tocarem qualquer instrumento, mesmo não possuindo habilidade ou conhecimento musical.

A atividade musical no CAPS II proporcionou o primeiro contato de muitos usuários com instrumentos que eles não conheciam. Muitos deles demonstraram o interesse de aprender a tocar. Por outro lado, outros pacientes já tinham um maior contato com a música, por isso sabiam tocar alguns instrumentos e até tinham muita afinação vocal. Dessa forma, o grupo musical era caracterizado pela diversidade.

DIFERENTES MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Por conta dessa pluralidade, as expressões artísticas variavam dentro do grupo. Enquanto uns se manifestavam por meio do canto, outros se pronunciavam através de poemas. Havia também pessoas que gostavam de dançar no meio da roda e puxavam outras para dançarem com elas.

Ademais, existiam as variações dos estilos musicais que eram entoados e, em alguns momentos, isso aproximava ou até mesmo afastava os indivíduos. Um exemplo disso eram as músicas mais antigas, como os boleros dos anos 80. Havia um pequeno grupo que gostava de cantá-los, porém, algumas das outras pessoas que não simpatizavam com esse estilo musical saíam da roda no momento que alguém cantava um bolero.

Em contrapartida, era notório o poder que a música religiosa tinha de aproximar os indivíduos. No momento que alguém cantava uma canção desse tipo, todos os outros presentes na roda imediatamente cantavam junto. A música religiosa tinha muita popularidade, visto que era muito difícil as pessoas não conhecerem a letra.

CRIAÇÕES MUSICAIS E O PRECONCEITO SOCIAL

Durante os encontros, no momento da roda de conversa, ficou muito perceptível o quanto que os usuários sofrem por conta do preconceito social. Nos relatos, eles falavam sobre a vergonha que, muitas vezes, sentiam em dizer para alguém que frequentavam o CAPS II, pois eram taxados como loucos.

Existem vários paradigmas relacionados aos pacientes com transtornos psíquicos. Os estereótipos criados são o da loucura e da agressividade, na qual esses indivíduos - erroneamente - são considerados como um perigo social. Esse estigma foi instaurado através dos hospitais psiquiátricos, conhecidos como manicômios, nos quais os tratamentos eram feitos por meio de maus tratos, como a utilização de camisas de forças e terapias com choque elétrico.

A Reforma Psiquiátrica, no final dos anos 70, se configura em um processo social e político e foi um grande avanço para a mudança dessa realidade. Segundo o Ministério da Saúde (2005), ela proporcionou uma alteração nas instituições, nos serviços e nas relações interpessoais, já que possibilitou o conjunto de transformações das práticas, saberes, valores culturais e sociais. Uma das pautas da Reforma era a reintegração dos indivíduos, visto que os pacientes eram excluídos do contexto social.

A partir das discussões dos modos de tratamento realizados nos hospitais psiquiátricos e a evidente objetificação dos sujeitos internados, a reforma psiquiátrica propõe um novo olhar sobre os portadores de sofrimento psíquico. Nesse contexto, visa reintegrá-los à sociedade, pois considera que a exclusão e o enclausuramento, por si sós, exacerbam a condição psíquica dos sujeitos. Desse modo, os serviços substitutivos aos hospitais psiquiátricos têm como objetivo a reinserção social dos portadores de sofrimento psíquico, devolvendo-lhes o convívio com seus pares, familiares e demais membros da sociedade, bem como a ocupação cidadã dos espaços sociais (PARANHOS-PASSOS; AIRES, 2013, p.14).

Contudo, apesar desses avanços, os estereótipos criados no período pré-reforma ainda repercutem nos dias atuais. Nessa perspectiva, o isolamento social e a solidão, muitas vezes, são uma realidade imposta para os usuários dos serviços de saúde mental.

Dessa forma, a maneira como alguns pacientes lidavam com os preconceitos e as dificuldades enfrentadas como portadores de transtornos psíquicos era por meio das criações musicais. No período de duração do projeto, muitas composições autorais foram trazidas

pelos usuários e cantadas no grupo. Eram músicas simples que abordavam, principalmente, o cotidiano desses indivíduos, como a cidade de Porto Seguro, os medicamentos, familiares, os profissionais do CAPS II e o todo tipo de exclusão que sofriam.

Em um dos eventos organizados pela equipe do projeto, na Universidade Federal do Sul da Bahia, no dia da Luta Antimanicomial, um dos usuários cantou uma música que ele tinha feito sobre a importância da inclusão. Um trecho da música dizia: *“onde há preconceito, plante o respeito de que todos somos iguais.”*

O LUTO DENTRO DO CAPS

De acordo com Santos (2017), as perdas por mortes são responsáveis por retirar os indivíduos das suas zonas de conforto, pois elas provocam uma variabilidade de sentimentos, causando assim uma desorganização da capacidade de enfrentamento diante da perda. Por conta disso, “é possível afirmar que a dor do luto pode ser a mais profunda fonte de sofrimento psicológico para um ser humano.” (SANTOS, 2017, p.117)

O processo de luto varia para cada pessoa, mas quando se trata de pessoas com transtornos psíquicos esse processo pode ser muito mais doloroso, visto que muitas dessas pessoas já são diagnosticadas com depressão.

Isto implica que a perda seja ao mesmo tempo universal (todos vivem perdas) e única (cada perda tem um significado específico para cada pessoa), tornando o processo de luto numa experiência altamente individualizada que varia de pessoa para pessoa (uns demoram mais ou menos tempo a reorganizarem-se, outros vivem esta experiência de forma mais ou menos intensa) (WORDEN, 2009 *apud* MARQUES, 2015, p.2).

No período do estudo, duas pessoas que participavam das atividades musicais faleceram e um parente próximo de uma das participantes também. Foi perceptível a mudança que o luto causava entre os usuários. O grupo ficou mais silencioso, alguns usuários choravam e se retiravam da roda, os que costumavam dançar se recusavam a dançar e havia aqueles que nem participavam.

Contudo, foi perceptível também como a música possui um poder muito forte de servir como apoio nesses momentos. Eram as músicas religiosas as mais cantadas. Os usuários entoavam as canções como se fosse uma oração, um desabafo.

Por outro lado, a música pode servir também como um mecanismo de lembrança, de recordação. Alguns usuários pediam para cantar a música que um dos falecidos sempre tocava no grupo. Ademais, pode-se salientar como o processo de luto pode gerar tanta solidariedade, pois a união do grupo se fortaleceu bastante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade musical no CAPS II propiciou diversas reflexões sobre o sistema de saúde mental da cidade de Porto Seguro. Este projeto sintetizou as conexões sociais e traduziu as necessidades do grupo para ampliar as técnicas de atuação da equipe com práticas artísticas que foram feitas por meio da música e da dança. Nesse sentido, tudo foi realizado através da espontaneidade. Os participantes eram livres para expressar qualquer manifestação, e dessa forma, fortaleciam-se enquanto indivíduos e enquanto grupo em constante formação.

O diálogo interdisciplinar entre a arte e a saúde, nessa perspectiva, ganha força e serve de base para o empoderamento dos coletivos que estão ligados a essa junção. Nessa perspectiva, como algo rizomático, que vai se alastrando, o projeto cresceu e ganhou força, tornando visíveis as melhorias que ele proporcionou para a vida dos usuários, bem como uma maior adesão aos tratamentos, autonomia e momentos de relaxamento.

O contato direto com os usuários e os profissionais de saúde auxiliam no entendimento do funcionamento dos serviços de saúde na cidade, e nesse sentido, é possível detectar problemas que não seriam visíveis sem esse contato. Especialmente, no CAPS, o contato com pessoas com sofrimento e/ou transtorno psíquico proporcionou um enorme aprendizado, visto que são pessoas verdadeiras, que mesmo com todo sofrimento, não deixavam de participar dos encontros e demonstravam o quão importantes são as relações interpessoais no processo de tratamento.

Novas ações se fazem necessárias para a efetiva implementação e ampliação da Prática Integrativa e Complementar de Musicoterapia no Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Porto Seguro. Como a contratação de um/a musicoterapeuta pelo município. Acreditamos que este projeto ajuda na compreensão da necessidade desta especialidade

efetivada na equipe de profissionais do CAPS II. Para o crescimento dessa estratégia é imprescindível a aplicação da mesma para os outros Centros de Atenção Psicossocial da cidade de Porto Seguro (CAPS AD álcool e outras drogas e CAPS infantil).

Assim, entendemos que a musicoterapia coletiva é um forte dispositivo para o tratamento dos usuários do serviço de saúde mental, visto que ela potencializa o princípio da integralidade de assistência do Serviço Único de Saúde (SUS).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Alexandre G. dos.; MONTANHAUR, Carolina D.; CAMPOS, Érico B. V. C.; PIOVEZANA, Ana Luiza R. P. D.; MONTALVÃO, Joana S.; NEME, Carmen Maria Bueno. Musicoterapia como estratégia de intervenção psicológica com crianças: uma revisão da literatura. **Minas Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**. Minas Gerais, v. 10, n. 2, p. 228-238, jul-dez, 2017.

BARCELOS, Vagner M.; TEIXEIRA, Enéas R.; RIBEIRO, Ana Beatriz de N.; SILVA, Lucas D. B. da; RODRIGUES, Alex S. A. A musicoterapia em pacientes portadores de transtorno mental. **Revista de Enfermagem Ufpe On Line**, Recife, v. 4, n. 12, p.1054-1059, abr. 2018.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 332 p. Tradução: Mariza Velloso Fernandez Conde.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

CAVALCANTE, Ricardo B.; ESTEVES, Cristiano J. da S.; PIRES, Mariana C. de A.; VASCONCELOS, Daniela D.; FREITAS, Mônica de M.; MACEDO, Antonio S. A Teoria Ator-Rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde e enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, e0910017, 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000400302&lng=pt&nr=m=iso. Acessos em 25 mar. 2019. Epub 17-Nov-2017. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017000910017>.

DECAVATÁ, Patrícia S.; LENGLER, Mariana; FERNANDES, Antonio; FLORES, Daniela. A independência dos portadores de deficiência mental dentro de uma nova concepção em educação em saúde. **Revista Nova Fisio**. Disponível em: <http://www.novafisio.com.br/a-independencia-dos-portadores-de-deficiencia-mental-dentro-de-uma-nova-concepcao-em-educacao-em-saude/>. Acessado em 22 de fevereiro. 2019.

FERREIRA, Arthur A. L.; FREIRE, Leticia de L.; MORAES, Marcia; ARENDT, Ronald J. J. **Teoria Ator-Rede e Psicologia**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

LATOURE, Bruno. **Reensamblar lo Social: Una introducción a la teoría del actor-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008. 392 p.

Ministério da Saúde. **Saúde mental: o que é, doenças, tratamentos e direitos Política de Saúde Mental**. Disponível em: <http://portals.saude.gov.br/saude-de-a-z/saude-mental>. Acesso em: 25 mar. 2019.

OLIVEIRA, Marilise Fátima de; OSELAME, Gleidson B.; NEVES, Eduardo B.; OLIVEIRA, Elia M. de. Musicoterapia Como Ferramenta Terapêutica No Setor Da Saúde: Uma Revisão Sistemática. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. Três Corações, v. 12, n. 2, p.871-878, dez. 2014.

PANACIONI, Graziela França Alves. **Musicoterapia na promoção da saúde: Um cuidado para a qualidade de vida e controle do estresse acadêmico**. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

PARANHOS-PASSOS, Fernanda; AIRES, Suely. Reinserção social de portadores de sofrimento psíquico: o olhar de usuários de um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p.13-31, jan. 2013.

SANTOS, Gabriela Casellato Brown Ferreira. Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. **Revista M. - Unirio**, São Paulo, v. 2, n. 3, p.116-137, jun. 2017.

SIQUEIRA-SILVA, R. **Conexões Musicais: musicoterapia, saúde mental e teoria ator-rede**. Curitiba: Appris, 2015.

Recebido-27/04
Aceito-06/03